

**Magalhães, Fernão de-** (?Sabrosa, Trás-os-Montes, 1480-Mactam, filipinas, 27 de Abril de 1521?) Protagonista de um dos feitos maiores da humanidade, a primeira viagem de navegação à volta do globo terrestre, Fernão de Magalhães era português, embora estivesse ao serviço do rei de Espanha, terá nascido à volta de 1480. Possuía larga experiência como marinheiro, conhecia Goa, Cochim, Quiloa e Malaca. Se não foi até às Molucas, conheceu no entanto Francisco Serrão, que foi seu feitor. Inicia a sua histórica viagem a 21 de Setembro de 1519, quando larga de Sanlúcar de Barrameda com cinco navios – o Concepción, o San Antonio, o Santiago, o Trinidad e o Victória – e 265 homens. Ao rei de Espanha, futuro Carlos V, interessava saber uma coisa: dos dois hemisférios traçados em Tordesilhas, de que lado calhavam as ilhas Molucas, se do lado português, se do lado espanhol – Portugal, que já atingira a região havia vários anos e daí tirava os seus proveitos, logicamente não estava nada interessado em esclarecer a questão. Fernão de Magalhães rumou então em direcção às Canárias e, a seguir, Cabo Verde, obliqua para sudoeste e chega ao Rio de Janeiro em 13 de Dezembro de 1519, não sem que antes tenha tido graves desentendimentos com o capitão da San António, Juan de Cartagena. Ali fica até 26 de Dezembro, rumando ao sul, em direcção da bacia platina, que já se encontra para lá da linha de Tordesilhas. Constata que se trata de facto de um rio, o rio de La Plata, que não tem qualquer passagem para oeste, e continua para sul. A 31 de Março de 1520 atinge o que é hoje o porto de San Julián, na Argentina, onde passa o Inverno austral, correspondente ao período do Verão no hemisfério norte. Volta a ter problemas de insubordinação, um motim até, liderado pelo tal Juan de Cartagena e mais alguns. Projectavam voltar para trás, para o que seria necessário liquidar o capitão-mor. Magalhães identifica os cabecilhas, castiga-os de forma exemplar, e repõe a ordem. Envia o Santiago em reconhecimento da costa sul, mas ele naufraga, embora se consiga salvar a tripulação. Finais de Agosto, o capitão quer partir, mas ainda é cedo, volta a ter que parar quase dois meses. Porém, a 21 de Outubro, dia das Onze Mil Virgens, dobra um cabo a que chama das Virgens, parecendo-lhe a seguir que se encontra à entrada de um estreito, e manda o San António e o Concepcion à frente, em reconhecimento. A costa é lindíssima, de altas falésias, vários estreitos comunicam entre si e a profundidade é grande, não sendo possível ancorar em condições de segurança. Porém, o reconhecimento é efectuado, e os navios regressam para junto do Trinidad e do Victória. Resolvem então avançar no emaranhado de estreitos que se dividem sucessivamente, até que parece abrirem-se duas passagens, uma a sudoeste e outra a sudeste. O San António e o Trinidad recebem ordens para avançar para sudoeste.

É então que acontece novo motim, desta vez a bordo do San António, cujo piloto encabeça a revolta e prende o capitão, Álvaro Mesquita, primo do capitão-mor, e desaparece rumo a Espanha. Magalhães enquanto aguarda ignorando a situação, envia alguns homens para oeste que, no regresso, afirmam ter chegado ao fim do estreito e daí avistar o alto mar. O Concepcion regressa ao fim de quatro dias, mas do San António, nada. Então decide partir, percorre o que resta do estreito e chega a um mar sereno a que chama de Pacífico (? 28 de Novembro de 1520?), mais de um mês depois de terem abordado a entrada desse estreito. Levarão cerca de quatro meses até encontrarem de novo terra à vista, neste oceano imenso. Os víveres e a água potável são racionados, e o biscoito, dirá Pigafetta, que nos deixou um relato da viagem, “ não será mais do que uma mistura de pó com vermes e urina de rato”. Em Março de 1521, finalmente, avistam uma ilha a que chamam ilha dos Ladrões, tal a hostilidade com que são acolhidos; será talvez uma das ilhas Marianas. Chegam depois a uma pequena ilha das Filipinas (? 16 de Março de 1521?), que seria Limassawa, a sul de Leyte, onde são bem recebidos. Magalhães estabelece diálogo com o chefe local, através dum escravo javanês baptizado com o nome de Henrique, que vai servir de intérprete. Mas Magalhães procura ainda um porto mais seguro – encontra-o na ilha de Cebu, onde é também bem recebido. Com o rei local, que aceita converter-se à fé católica e ser vassalo de Carlos V, Magalhães estabelece um tratado de defesa e comércio em nome do rei de Espanha. Em nome desse mesmo tratado, aceita combater um rei vizinho, inimigo do seu novo aliado. Em 27 de Abril de 1521, Magalhães desembarca na ilha próxima de Mactan, onde reinava o seu inimigo e dá-lhe caça, mas é morto com mais oito dos seus homens. O próprio rei de Cebu, que se dizia cristão, atrai os comandantes espanhóis a uma armadilha, e consegue matar vinte e quatro. Escapam o escravo javanês, provavelmente cúmplice, e um tal João Serrão, que é ferido e consegue chegar à praia. Deixam Cebu e vão ancorar do outro lado do estreito, em Bohol, não sem antes incendiar o Concepcion e dividir a escassa tripulação sobrevivente, agora resumida a cerca de cem homens, pelos dois navios que sobram. Em seguida, após algumas reparações e abastecimento, deixam as Filipinas em busca das Molucas, onde conseguem chegar em Novembro; a 8 desembarcam em Tidore, ilha vizinha de Ternate, onde estavam os portugueses, e conseguem facilidades para comerciar com os locais e adquirir as especiarias que quisessem, o que fazem, enchendo talvez de forma excessiva os dois navios, a tal ponto que, preparados para partir em direcção a Espanha, verificam que o Trinidad mete água, e não se encontra em condições de navegar.

Perante a gravidade do estrago, que não promete ser de reparação rápida, Juan Sebastian Elcano, assumido capitão-mor desde a morte de Magalhães, decide partir na frente, o que faz a 21 de Novembro de 1521, rumo a Espanha, mas contornando as grandes ilhas de Java e Sumatra pelo sul, para evitar o encontro com portugueses. Depois de nove semanas perto do grande Cabo, e de muitas tentativas falhadas, conseguem dobrá-lo a 6 de Maio e, seguindo a direito na rota do noroeste, chegam perto do Cabo Verde a 9 de Julho (10, na realidade), onde desembarcam treze homens para abastecimento e são detidos pela autoridade local portuguesa. Os homens que sobram decidem então seguir viagem sem mais delongas e, a 6 de Setembro de 1522, chegam finalmente ao ponto de partida, concluindo a 1ª viagem de circum-navegação de que há memória. De um total de duzentos e sessenta e cinco homens e cinco navios, chegaram apenas dezoito a bordo de um navio, o Victória. Quanto ao Trinidad, depois de quatro meses de reparações, sai das Molucas a 6 de Abril de 1522, sob o comando de Gonzalo de Espinosa que decide voltar para trás, atravessar o Pacífico em direcção ao México ou à América Central, e daí, atravessar por terra toda a sua carga até ao outro lado, ao Oceano Atlântico, onde seria fácil negociar a carga ou fretar um barco que os levasse a Espanha. Assim fez, mas as condições de ventos e correntes eram tão más que só a 11 de Julho atinge uma das Marianas (Guguan?), e em Setembro se encontram perdidos no meio do oceano Pacífico, em latitudes muito frias – desanimados, decidem voltar para trás e, em pouco mais de um mês, estão perto das Molucas, donde haviam saído seis meses atrás. Não são mais do que um bando de náufragos, rotos, esfomeados, exangues, quando pensam na sua única saída – recorrer aos portugueses que estão em Ternate, a construir uma fortaleza. A 20 de Outubro de 1522, António de Brito, responsável português no local, recebe o pedido de socorro escrito e entregue em mão pelo escrivão de Espinosa e dá ordens para serem imediatamente recolhidos. Após alguns meses a aguardar a monção, que aproveitaram para se recuperarem, foram encaminhados para Malaca e Índia, alguns regressaram à Europa e a Espanha, os outros por ali foram ficando e vivendo.

*In* **dicionário de História das Descobertas**, de Alfredo Camacho